

LAROIÊ AO POVO DA RUA: REPRESENTAÇÕES DOS EXUS E POMBAGIRAS NA RELIGIOSIDADE UMBANDISTA

LAROIÊ TO STREET PEOPLE: REPRESENTATIONS OF THE EXUS AND POMBAGIRAS IN UMBANDIST RELIGIOUSITY

LAROIÊ A LAS PERSONAS DE LA CALLE: REPRESENTACIONES DE LOS EXUS Y POMBAGIRAS EN LA RELIGIOSIDAD UMBANDISTA

Dalvana Fernandes* e Nadia Maria Guariza†

RESUMO: Esse artigo investiga as representações dos guias espirituais exus e pombagiras na religiosidade Umbandista, a partir de três aspectos intrínsecos na vivência espiritual desses com os adeptos e consulentes, as relações de gênero, o aspecto da moralidade e as representações. Dessa forma, compreendendo as relações entre entidades, médiuns e consulentes, refletimos sobre as influências exercidas por estes personagens no contexto religioso Umbandista. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo em duas cidades localizadas na região sudoeste do Paraná: Pato Branco e Francisco Beltrão. Tal pesquisa deu-se através da observação dos rituais e entrevistas com iniciados, participantes e com as próprias entidades religiosas.

Palavras-chave: Umbanda. Guias espirituais. Gênero. Representações. Moralidade.

Abstract: This article investigates the representations of exus and pombagiras spiritual guides in Umbandist religiosity, from three intrinsic aspects in their spiritual experience with adherents and consultants, gender relations, the aspect of morality and the representations. Thus, understanding the relationships between entities, mediums and consultants, we reflect on the influences exerted by these characters in the Umbandist religious context. For this, a field research was carried out in two cities located in the southwest of Paraná: Pato Branco and Francisco Beltrão. Such research took place through the observation of rituals and interviews with initiates, participants and with the religious entities themselves.

Keywords: Umbanda. Spiritual guides. Genre. Representations. Morality.

Resumen: Este artículo investiga las representaciones de guías espirituales exus y pombagiras en la religiosidad umbandista, desde tres aspectos intrínsecos en su experiencia espiritual con adherentes y consultores, relaciones de género, el aspecto de la moralidad y las representaciones. Así, al comprender las relaciones entre entidades, médiuns y consultores, reflexionamos sobre las influencias ejercidas por estos personajes en el contexto religioso

* Mestranda em História na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: fdalvana@gmail.com.

† Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: nadiamguariza@gmail.com

umbandista. Para ello, se realizó una investigación de campo en dos ciudades ubicadas en el suroeste de Paraná: Pato Branco y Francisco Beltrão. Dicha investigación se llevó a cabo mediante la observación de rituales y entrevistas con iniciados, participantes y con las propias entidades religiosas.

Palabras clave: Umbanda. Guías espirituales. Género. Representaciones. Moralidad

Introdução

O ser humano pertencente a uma sociedade possui uma identidade sociológica e cultural, vivencia diversas experiências pessoais e coletivas que o levam a buscar lugares nos quais possa experimentar sentimentos de pertença e segurança. Muitas vezes, encontra esse alento na religião, pois ela é um dos meios capazes de suprir seus anseios, sendo a religião, de acordo com Bourdieu (1974), um condutor simbólico, um dispositivo de conhecimento e de comunicação.

A religião como veículo simbólico atua em diversos âmbitos na vida dos atores sociais, por vezes influenciando na vivência individual e coletiva dos mesmos. Tal visão fomentou pesquisar a religiosidade umbandista, pois de acordo com Negrão (1994) a Umbanda é considerada uma religião do “aqui e do agora”, respondendo às necessidades imediatas das pessoas ao conviverem diariamente com os Orixás e entidades, utilizando-se dos rituais, das giras¹ e das oferendas para manejar o que necessitam naquele momento.

Nascida na primeira metade do século XX, a Umbanda carrega em sua religiosidade elementos de raízes europeia, indígena e africana. Além disso, veio acompanhando os movimentos de urbanização, industrialização e constituição da sociedade de classes nas grandes cidades do sudeste do Brasil, e aos poucos foi expandindo-se para todos os estados brasileiros, ganhando adeptos e legitimação e ao mesmo tempo estigma, por conter em seu corpo de divindades uma gama de figuras já marginalizadas em nossa sociedade.

Segundo Goffamn (1981), o termo estigma é utilizado em referência a um atributo depreciativo de pessoas, de determinados grupos, ou até mesmo de locais. A rigor desse conceito podemos citar os caboclos e caboclas (espíritos de indígenas brasileiros), pretas e pretos velhos (espíritos de pessoas escravizadas no Brasil) e principalmente figuras que além de estigmatizadas, são marginalizadas: os saudosos exus e pombagiras, conhecidos como o povo da rua - investigados neste estudo - buscando compreender a partir da análise das concepções de gênero, moralidade e representatividade as representações que esses guias espirituais têm na vida dos adeptos e consulentesⁱⁱ.

Os guias espirituais exus e pombagiras compõem o que é considerado o lado esquerdo da Umbanda, pois de acordo com Negrão (1994) aceitam qualquer pedido feito a eles, independentemente de ordens morais, desde que sejam recompensados por isso e para realizarem os feitiços gostam principalmente de cachaça, bode e galinha preta, possuindo uma predileção por carne crua. Atuam em diversos campos na vida dos sujeitos, em especial no que se refere ao lado amoroso e profissional. Segundo Barros (2010), essas entidades possuem comportamentos diferentes da concepção de moral formal e cristã, a atuação desses guias é vasta e o entendimento deles diferenciado, tendo seu próprio código de moralidade e ética baseado na relação com os clientes.

Para compreender as representações das pombagiras e exus no contexto da religiosidade umbandista, fez-se uso da concepção de representatividade coletiva de Chartier (1991), que defende que certas condutas proporcionam o reconhecimento de uma identidade social, que apresenta uma maneira própria de ser no mundo, sendo assim, definindo simbolicamente uma posição, formas institucionalizadas e representantes, marcando continuamente e perceptivelmente a existência de um grupo, “[...] considerando não haver prática ou estrutura social que não seja produzida pelas representações [...] pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.” (CHARTIER, 1991, p.177)

Para teorizar as relações de gênero utilizou-se o conceito da historiadora Joan Scott (1986), para ela, gênero é um elemento que constitui as relações sociais evidenciadas na distinção entre os sexos, desse modo interligando-se a relações de poder e assim constituindo a organização efetiva e simbólica da vida social dos sujeitos.

Neste artigo, concebemos as relações de moralidade na religiosidade Umbandista na visão de Negrão (1994), que defende o conceito de amoralidade na religião Umbandista, sendo este uma característica evidente das entidades, em especial das pombagiras e exus, pois a Umbanda baseia-se antes de tudo na vida real e nas vivências diárias dos sujeitos, não se opondo ao cotidiano das pessoas, mas o aceitando exatamente da forma como ele é.

A Umbanda é uma religião de tradição oral, que tem seus conhecimentos passados de pai/mãe de santo para filhos/as de santo, não possuindo nenhum livro sagrado ou códigos de conduta homogêneos. Destarte, para investigar a especificidade de conhecimentos e práticas em diferentes grupos umbandistas, é pertinente uma abordagem que elucide a utilização de adeptos como fontes orais de informações sobre a dinâmica religiosa em seu terreiro. De acordo com Rosário (1989), os relatos de tradição oral são fundamentais para determinar e compreender princípios culturais de uma determinada comunidade, que muitas vezes são

esquecidos na fusão da modernidade, bem como, de acordo com Lozano, “[...]abordar o fenômeno da oralidade é aproximar-se de um aspecto central da vida dos seres humanos [...]” (LOZANO, 2006, p.15).

Legitimando tal processo, foram empregados os métodos de observação participante (AMOROZO; VIERTLER, 2008), durante rituais e entrevistas semi estruturadas (BERNARD, 1988) com adeptos, não adeptos e participantes do culto umbandista, bem como das próprias entidades, dando visibilidade e voz aos guias espirituais, caso contrário desautorizaria o fenômeno da possessão, aspecto intrínseco da religiosidade Umbandista.

As observações e entrevistas foram realizadas em duas cidades do sudoeste do Paraná. Primeiramente, no município de Pato Branco, as entrevistas realizadas foram com o pai de santo Aldacir que incorpora diversas entidades, dentre elas vários Exus, ele é praticante umbandista há 22 anos. Também dois médiuns: o filho de santo Jean que incorpora várias entidades, dentre elas exus e pombagiras, participante das giras há 3 anos, e a médium Mari que incorpora, além de outros guias, duas pombagiras, ativa há 18 anos na casa e também a consulente Maria. Nessa mesma cidade ainda foram entrevistados três homens e duas mulheres, que nunca participaram de nenhuma sessão de gira. Na cidade de Francisco Beltrão, foi observado e entrevistado o médium César que incorpora exus e pombagiras há 5 anos e o consulente Vladimir que frequentou algumas sessões. Os guias espirituais foram conjuntamente ouvidos, duas pombagiras denominadas Maria Padilha das Almas e o Exu Tiriri.

Os terreiros não foram citados para que não houvesse exposição, respeitando os pedidos dos chefes das casas. Com os entrevistados realizou-se uma codificação para que as suas falas apareçam sem identificá-los com a exposição de suas identidades pessoais, contendo apenas o primeiro nome, de acordo com Bernard (2006), para não comprometê-los.

Representatividade dos exus e pombagiras na vida dos médiuns e consulentes

Em cada etapa do desenvolvimento das atividades internas e externas de um terreiro de Umbanda, a religiosidade é composta por níveis diferentes de atuação de cada integrante. O templo umbandista é manifesto como um local de representações coletivas, através da linguagem cultural das entidades, dos participantes e dos rituais praticados. Num panorama geral, os ofícios hierárquicos entre seres humanos físicos desta religião consistem na presença de mãe/pai de santo maior e menor, pelos filhos/filhas de santo e consulentes, esses últimos não participam ativamente de todas as ações desenvolvidas pelo terreiro.

Os filhos de santo que são médiuns cedem seus corpos e funções psicomotoras às entidades que incorporam durante o processo ritualístico do transe mediúnico. O exercício das habilidades mediúnicas contribui na formação moral e espiritual dos sujeitos, carregando marcas sociais, culturais e de gênero, no qual fronteiras disciplinares são inexistentes.

Feraudy (2004) descreve a mecânica da incorporação, alegando que a mediunidade é um fenômeno inato do sujeito, por efeito do carma ou por um rompimento congênito com sua tela original, que possibilitará por meio de ordálios, contatos com o mundo metafísico e com as entidades que nele habita. A incorporação é atingida pela posse mental do médium pelo guia, que se comunica ao se acoplar em seu corpo astral em função do deslocamento do duplo etéreo, para que o espírito possa atuar na zona psíquica e motora. A glândula responsável por essa operação é a epífiseⁱⁱⁱ, atuando como válvula receptora e criadora de um campo magnético, causando uma onda idêntica da inteligência que vier a se comunicar.

Submeter-se ao guia espiritual, tornando-se passivo a um comportamento sobrenatural, também é uma motivação para responder às questões de diversas naturezas, expectativas e níveis, dos consulentes e dos próprios adeptos. “A religião umbandista fundamenta-se no culto dos espíritos, é pela manifestação destes no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas entidades[...]” (ORTIZ, 1978, p. 69).

Ao perguntar para os médiuns Mari e Cesar sobre o primeiro contato com as pombagiras que incorporam e a relação médium e entidade, ambas as respostas foram conduzidas em sentido similar. Os entrevistados deixaram claro que esta categoria de espíritos manifestou-se em suas vidas no momento em que mais necessitavam de auxílio, pois estavam vivendo grandes sofrimentos, salientando que estas entidades chegaram a suas existências com a incumbência de conceder força e abri-los para a espiritualidade. Também houve concordância no que diz respeito à representação das pombagiras acerca de proteção, companheirismo e aprendizados. Tal relação é evidenciada com maior consistência na fala da médium Mari, que incorpora várias entidades, das quais duas são pombagiras, Maria Padilha das Almas e pombagira Sete Saias:

Ela veio para me transformar, tudo que sou devo a ela, ela me mostrou o caminho correto, na época eu dava duro para criar os filhos sozinha [...]. Saber que tenho essa entidade em minha vida é maravilhoso, não consigo nem explicar, só sentindo para saber de fato, como é grande a minha consideração a essa mulher.

Para o médium Jean o primeiro contato com as pombagiras se deu em um momento de sofrimento psicológico, sentindo a presença dela junto a um pai de santo quando realizou

uma limpeza energética e espiritual, “ela representa minha sombra, um domínio das emoções que eu não controlo, uma guardiã, feiticeira, auxiliando a controlar impulsos instintivos mais primitivos”. Em contraste, seu primeiro contato com os exus ocorreu durante a visita em um terreiro de Umbanda, onde sentiu fortemente a presença e a energia dessa entidade. Para ele, “Exu representa a vitalidade, aspecto obscuro do inconsciente, ele ajuda a iluminar minha sombra, residindo na obscuridade, consegue trazer a razão para o consciente”.

O consulente Vladimir teve seu primeiro contato com as pombagiras sob a consulta da famigerada Maria Padilha das Almas, num momento de curiosidade para conhecer a religião umbandista. Confessou que até conhecê-la era cético em relação às performances de transe e possessão nessa religiosidade, porém, após uma conversa com a pombagira Maria Padilha das Almas incorporada na médium Mari, sua percepção foi transmutada, em decorrência de conselhos sobre relações amorosas, que o ajudou a tomar algumas decisões importantes e a resolver o conflito que estava vivenciando naquele momento.

A consulente Amanda participa de sessões regularmente num terreiro na cidade de Pato Branco-PR. Em sua narrativa, revela que procurava uma religiosidade onde pudesse sentir-se pertencente numa espiritualidade menos patriarcal, e foi por isso que decidiu conhecer a Umbanda. Após conversas com indivíduos que frequentam centros umbandistas, acompanhada de leituras a respeito, intuitivamente sentiu que o terreiro seria o lugar ideal para o que estava procurando e começou a frequentar assiduamente e pretende em breve iniciar-se na corrente umbandista. A primeira entidade que conheceu foi Exu Sete Ventanias, ele concedeu diversos conselhos sobre os problemas de saúde que Amanda enfrentava, salientando inclusive, que os mesmos estavam relacionados aos processos vividos durante a infância e adolescência, fato que veio a se confirmar mais tarde quando ela os resolveu. Desde então, esteve em contato com diversos Exus, conforme as narrativas demonstram:

Exu representa sabedoria, agitação e calma ao mesmo tempo, o movimento, a liberdade, o esplendor, a vivacidade, a vontade, o desejo. Eles se fazem ver e crer através de atos e palavras, conselhos e trabalhos que realizam em prol das pessoas que a eles recorrem, nunca decepcionado ninguém que procura sua ajuda.

Os médiuns também relataram os momentos de manifestação das pombagiras em suas vidas durante a aplicação dos questionários. Para a adepta Mari “[...] elas sempre se apresentam nos momentos mais difíceis, através de sonhos, mensagens no pensamento durante o dia, vêm para levar a tristeza para longe, dando sinais de como fazer isso”. Já para o médium Cesar “[...] ela vem para me conduzir às melhores escolhas no dia-a-dia, sempre me ajuda nas

questões amorosas, inclusive a primeira manifestação dela foi quando eu estava sofrendo por amor”. Para o Pai de Santo Aldacir, os exus vêm para trazer respostas às aflições diárias de sua família e das pessoas que o procuram para a resolução de problemas nas mais diversas áreas.

Para o filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu (1974), os sentimentos e ações de homens e mulheres muitas vezes dependem de suas percepções através da linguagem, que por vezes desenham um círculo mágico em torno do povo que a pertencem. Essas são formas simbólicas que podem ser aplicadas à religião, concebendo a linguagem como sendo instrumento de construção dos fatos científicos.

Assim, ao analisarmos as representações dos exus e pombagiras na vida dos adeptos e consulentes, é perceptível a construção sociocultural da religiosidade que permeia um complexo sistema de trocas simbólicas, estando inserida em um conjunto de representações individuais e coletivas, que permanentemente redesenha a vida dos mesmos. Os guias presentes nessa religião inserem-se ao mundo dos humanos através dos seus feitos, representando força, aprendizados, auxílio, proteção e companheirismo.

Relações de gênero na religiosidade umbandista: exus e pombagiras

A Umbanda, por não dissociar corpo e alma, adentra um mundo de representações socioculturais divergente dos pensamentos tradicionais e cristãos conservadores, bastante influentes na sociedade brasileira. A cosmo visão umbandista admite o ser humano em sua totalidade no que diz respeito às suas manifestações do corpo e sexualidade. Destarte, tal religiosidade, se examinada sob o enfoque teórico de estudos de gênero de Scott (1989), permite decodificar o sentido de compreender relações complexas entre diversas formas de interações humanas, a partir dos elos sociais nela formados.

Exus e pombagiras representam dois pólos que convivem juntos, atuando na reorganização da vida dos seres humanos que com eles se relacionam e também contribuem de forma significativa nas decisões da vida das pessoas que recorrem aos seus poderes mágicos, aspirando resolver problemas de ordem física e/ou espiritual. Tais entidades são caracterizadas e se relacionam entre si pela dicotomia feminino/pombagira e masculino/exu, manifesta em alguns momentos em ações realçadas pela superioridade masculina, noutras pelas ações de superioridade feminina e por vezes ações de peso equitativo entre ambos.

Nesse sentido, torna-se válida a discussão das relações de gênero no campo religioso umbandista, visto que, segundo Scott (1989), o gênero é um meio de decifrar e

compreender relações labirínticas das interações humanas e “[...] pensar nas representações de gênero demanda pensar o papel da religião na construção social dos sexos” (DUARTE 2006, p.9).

A dicotomia destacada no que diz respeito à superioridade masculina, torna-se evidente nas incumbências trabalhadas por cada entidade. Ao questionarmos as pombagiras entrevistadas concernentes ao âmbito e aspecto que costumam trabalhar, duas entidades que se denominaram Maria Padilha das Almas respondem que realizam trabalhos de qualquer espécie, porém assuntos amorosos são os mais requisitados por consulentes. Já os exus, de acordo com o entrevistado Exu Tiriri, alega que um espírito que ocupa o ofício de exu resolve qualquer demanda de ordem obscura e pesada, principalmente na esfera profissional.

Nesse contexto, podemos observar que as mulheres trabalham com ordens voltadas aos relacionamentos amorosos, ou seja, ao que tange a vida privada, e os homens lidam com questões profissionais, inserindo-se na esfera da vida pública.

De tal forma, torna-se válida a discussão acerca das relações de gênero a partir dos espaços público e privado, e de acordo com Okin (2008), esses conceitos estão enraizados no pensamento político ocidental desde o século XVII, advindos com as teorias liberais do Iluminismo que perduram até hoje. A concepção arraigada concernente à esfera privada - a vida doméstica, íntima e familiar - pertence à ordem feminina, em contraste com a manifestação da esfera pública – dimensões da política e economia - atribuídas ao masculino, salientando uma relação desigual de gênero, ao denotar que de acordo com essa teoria as mulheres não devem estar inseridas na esfera pública, pois são pertencentes socialmente a esfera privada, ao mesmo tempo em que os homens não têm obrigações de contribuir no âmbito privado. Entretanto, enquanto as sociedades estiverem estruturadas por relações de gênero, reflexos desta discussão se revelam também presente no contexto religioso umbandista entre os informantes estudados, devido às influências sociais assimiladas pela religião.

A superioridade masculina torna-se ainda mais evidente ao analisarmos a função dos exus de acordo com a narrativa do médium Jean, pois, espíritos pertencentes às legiões de exus são responsáveis pela resolução de assuntos densos e complicados na esfera pública em concomitante com o atributo de proteger o feminino, ratificado na fala do Exu Tiriri ao ser questionado sobre a relação deles com as pombagiras: “Algumas vezes quando o trabalho é muito pesado, elas nos chamam para ajudá-las, se ela precisa de um exu vai um, se precisa dois vai dois, se chama sete vão os sete [...]”.

Nesse contexto, torna-se pertinente analisarmos as ideias de Scott (1989), que, baseada no filósofo Jacques Derridá, ela argumenta que o pensamento moderno é marcado pelas dicotomias em dois pólos antagônicos, que destacam a superioridade de um deles, tratando-se de gênero a dissociação entre homem e mulher que conduz à superioridade masculina. É coerente que uma desconstrução de tais conceitos deve ser engendrada, considerando que estes dois pólos são indivisíveis e fragmentados, no qual o feminino contém o masculino e o masculino contém o feminino. (SCOTT 1989 apud LOURO, 1997).

Para entendermos a desconstrução a que Scott (1989) se refere, analisamos algumas características das pombagiras atribuídas em nossa sociedade brasileira, como pertencentes muitas vezes somente ao sexo masculino. Por exemplo, a sexualidade destituída de juízos de valores, como também palavras e ações independentes em todos os aspectos da vida, as narrativas reveladas apresentam e elucidam um reconhecimento como mulheres em nível elementar, realçando independência feminina, força e autonomia em todos os aspectos de seus microcosmos, revelando com vigor que tal personalidade também pertence às mulheres.

Contudo, na sociedade brasileira contemporânea, por vezes o feminino é excluído e estigmatizado, especialmente quando a mulher é portadora de tais características de personalidade, culminando em uma forma de superioridade masculina. Entretanto, na religião Umbanda tais aspectos das pombagiras são valorizados e enaltecidos, tanto pelos exus como também pelos próprios médiuns e participantes, conduzindo a uma desconstrução de aspectos da relação de gênero dicotômica hegemônica.

Outra evidência que confere consistência à discussão de relações de gênero dentro da umbanda é lograda no discurso da pombagira do médium Cesar, a comadre Maria Padilha das Almas, ao ser questionada sobre a relação do corpo com sexualidade, menciona: “Se hoje para as mulheres é ruim, imagina antes moça, nós mulheres sempre fomos menosprezadas, é preciso voltar-se pra dentro e sentir o que é ser mulher, é viver a sensualidade, a sexualidade, a sedução que tanto nos julgam, sem medo e sem receio algum”. Nesta perspectiva, nos valem da ideia do antropólogo Maurice Godelier (1981) ao dizer que “[...] não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas, sobretudo, a sociedade que fantasma a sexualidade [...]” (GODELIER 1981, apud SCOTT, 1989, p.23). Este argumento revela que se as mulheres vivenciarem a sexualidade libertária a que têm direito, serão estigmatizadas pela sociedade que carrega intrinsecamente padrões patriarcais em seu ventre, privando as mulheres do direito a sexualidade, que idealmente deveria ser espontânea e respeitada.

Nesse sentido, Foucault (1980; 1984) defende que tudo que somos faz parte da sexualidade, pois ela está presente no todo, subjacente a todas as condutas dos seres humanos. Está inserida na infância, no passado, no caráter dos sujeitos, nas mais diversas formas de corporeidades e manifestações de viver, transformando os indivíduos a partir de práticas que os leva a reconhecerem-se e decifram-se como sujeitos possuidores de desejos.

A corporalidade e a sexualidade são fatores decisivos na construção da identidade pessoal, e de certa forma, do equilíbrio emocional. O corpo sente, pensa e expressa. A sexualidade também é uma forma de expressão corporal, afetando o ser humano intimamente, de forma tanto positiva como negativa. É altamente dependente de crenças e valores inseridos pela sociedade (OLIVEIRA, 2011, p.5).

É perceptível que algumas características das pombagiras como a sensualidade e a sexualidade libertária, divergem do padrão moral hegemônico da sociedade brasileira, advindos desde os tempos de Brasil colonial, herança de uma colonização europeia, envolta da religiosidade e moralidade judaico-cristã. Porém, a religião Umbanda outorga desejo e sensualidade através da representação desses guias espirituais, aspectos que concomitantemente aguçam respeito nas esferas internas da religião e estigma nas esferas externas, numa sociedade que ainda abomina a autonomia feminina no âmbito da sexualidade.

Na história da humanidade houve consideráveis esforços para regular a sexualidade que, quase sempre, mostrou-se um forte aliado da opressão descarregando os investimentos pulsionais das buscas pela liberdade e emancipação. Resguardado ainda pelo domínio econômico e militar, a opressão completava-se com a dimensão cultural e religiosa, mesmo quando havia a separação Igreja e Estado, pois um acordo tácito se estabelecia [...]. (OLIVEIRA, 2011, p.2).

Para o filho-de-santo Jean, que obteve contato com várias pombagiras no decorrer do seu desenvolvimento espiritual dentro dos terreiros de Umbanda, tais entidades representam o mais autêntico sinônimo de sexualidade.

As pombagiras não têm receio nenhum de mostrar a aflorada sexualidade que possuem, para elas é natural ser assim, são sensuais em todos os aspectos, ao colocarem a mão na cintura, ao segurar a taça de bebida, ao dançarem livremente, quando falam ao pé do ouvido, em suas gargalhadas e até no olhar penetrante que possuem, olhar que é encantador e amedrontador, não existe um gesto que escape de sua sensualidade provocante, que é invejável e temida ao mesmo tempo.

Correntemente são chamadas de senhoras, porém, em conversa com Maria Padilha das Almas, pombagira da médium Mari, ao dirigir-se a ela com essa terminologia, a mesma nos corrige dizendo que senhora são as orixás Iansã e Iemanjá, apontando para as imagens das mesmas, termina a frase dizendo “[...] eu sou puta, gosto de muitos homens, não é a toa que sou mulher de sete exus”. Para alguns estudiosos como Reginaldo Prandi (1996), elas foram prostitutas enquanto estavam encarnadas nesse mundo, por isso representam demandas em

relação à vida amorosa e sexual, sendo possuidoras de sensualidade, sedução e erotismo, também são respeitadas, invejadas, temidas e estigmatizadas simultaneamente, relativo à concepção moral do grupo que lhes contempla, características variantes dependendo se o olhar é interno ou externo à religião umbandista.

Tal estigma relativo às características hedonistas e libertárias representadas na figura religiosa da pombagira no espaço externo do terreiro pode melhor ser compreendido sob a óptica de Bourdieu (2002), em que argumenta que a sexualidade está enraizada em uma topologia sexual do corpo socializado, de seus deslocamentos e movimentos, revestidos de significação social. Destarte, efetua-se um fortalecimento nas relações desiguais de gênero, além dos muros dos terreiros, que repousa na herança de um passado colonial onde o Estado e a Igreja Católica obtinham o poderio sexual dos indivíduos, onde a subjugação e repressão da sexualidade feminina foram tecidas no âmago da sociedade. Nessa perspectiva, torna-se válida a ideia de Bourdieu (2002) sob o aspecto de que o patriarcado estrutural pode ser desvelado pelo entendimento de que mulheres e homens estão inseridos em esquemas inconscientes de apreciação e percepção, no arcabouço histórico de prescrição masculina, mediante os artefatos de dominação, manifestos hodiernamente em tal coerção em relação à sexualidade da mulher.

Em contrapartida, no âmbito do espaço religioso interno do terreiro umbandista, as relações de gênero demonstram-se muitas vezes invertidas àquelas relatadas no espaço externo, evidenciando em algumas manifestações a superioridade feminina. O médium Cesar salienta que as pombagiras muitas vezes assumem a guarda de um terreiro, ou seja, elas são protetoras daquele ambiente, exercendo o ofício de entidade principal da casa, e todo espírito que ali se manifestar, seja feminino ou masculino, deverá cumprimentá-la e honrá-la previamente antes de efetuar suas atividades espirituais. Em tal terreiro, pombagira é a liderança de todas as ações votivas nos trabalhos realizados na casa de Umbanda.

Em relação à igualdade de gênero nos terreiros observados, evidencia-se uma tendência a não superioridade do masculino sobre o feminino em muitos momentos ritualísticos. De acordo com a maioria dos entrevistados, exu/masculino e pomba-gira/feminino são energias diferentes, que se complementam para uma melhor resolução dos problemas do terreiro, dos adeptos e dos consulentes.

Outro aspecto observado nesta perspectiva trata-se do não-preconceito em relação às posturas e características destas entidades, sejam elas quais forem. Este aspecto é atestado pelo discurso do Exu Tiriri ao ser questionado sobre a relação deles com as pombagiras, “[...] ela é mulher de sete Exus, cada uma delas tem sete maridos”. Nas conversas com os médiuns e

entidades fica evidente a não existência de estigma, o fato de possuírem muitos companheiros amorosos, o que, pelo contrário é respeitado e visto com naturalidade.

O povo da rua e as relações de moralidade

Ao analisarmos as representações de moralidade em relação aos exus e pombagiras, nos baseamos em Victoniano (2005), pois o autor defende que estas entidades são personagens marginalizados. Tal marginalidade refere-se às atitudes incomuns e emblemáticas quando comparadas a outros espíritos do panteão umbandista, pois não presidem a ordem normal de atitudes em geral esperadas nos demais guias, mas simbolizam uma realidade sarcástica e limiar, são ordem e desordem e não se compõem em duas realidades distintas e separadas entre si.

Nas entrevistas realizadas para este estudo, nota-se que fica evidente para os médiuns que trabalham com exus e pombagiras a representatividade da marginalidade que carregam, ambos representam o intermédio entre a bondade e a maldade, por vezes podem ser bons, por vezes podem ser maus. Tal concepção corrobora com a narrativa das entidades entrevistadas, em que elucidam que gostam de realizar coisas boas para as pessoas, ao mesmo tempo em que realizam serviços de caráter maléfico, contanto que bem pagos para isso, salientando que a moralidade do trabalho irá depender da pessoa que o desejou, sendo eles apenas reflexos do desejo que está no coração do sujeito solicitante. Nesse sentido, Reginaldo Prandi (1996, p.46) defende que “[...] se um dia a Umbanda separou o bem do mal, com a intenção inescandível de cultuar a ambos, parece que, com o tempo, ela vem procurando apagar essa diferença”. Ainda sobre a questão de moralidade o autor defende:

[...] Conhecer a figura de Pombagira nos permite entender algo das aspirações e frustrações de largas parcelas da população, que estão muito distante de um código de ética e moralidade embasados em valores da tradição ocidental cristã (PRANDI, 1996, p. 46).

Em alguns pontos de cantos umbandistas, comprova-se a presença da concepção bem e mal nos referidos guias, a exemplo de parte de dois cantos, o primeiro para a pombagira Cigana e o segundo, para exu Morcego:

[...] ô Ciganinha, ciganinha/ Da sandália de pau/Onde ela bate o pé/Ela faz o bem/Ela faz o mal[...]

[...] dentro de uma casa velha/ Onde mora a escuridão, eu sou exú, e to aqui /Eu sou do bem, eu sou do mal. Exúêêh [...].

Ao nos referirmos aos exus, a concepção de marginalidade fica ainda mais expoente, pois eles reúnem aspectos contraditórios e decisivos da ação nefasta da intolerância religiosa. Seu arquétipo é comum em nossa sociedade, na qual proliferam pessoas com caráter ambivalente, esses guias possuem inclinação para a maldade, inspiram confiança e ao mesmo tempo dela abusam, mas, em contrapartida, possuem um alto grau de compreensão dos problemas daqueles que os procuram, e permitem o entendimento da complexidade e do dinamismo do universo simbólico, imaginário e cultural da Umbanda. “Exu é o grande agente mágico universal, é o fluido impessoal sem representação ou forma, servindo de veículo para toda e qualquer magia, sintetizada em suas sete gradações nos sete planos de manifestação” (FERAUDY, 2004, p.203).

Sua personalidade é associada a vários outros personagens históricos ao longo do tempo em que essas entidades são cultuadas, como defende Ferretti (1998), a associação feita entre Santo Antônio dos Negros e a figura de exu, por exemplo, se dá pela capacidade de curar doenças, encontrar objetos perdidos e trazer fecundidade, e sendo considerado um bruxo, foi associado ao exu. É comparado também ao herói sem nenhum caráter, Macunaíma (obra escrita por Mario de Andrade, lançado em 1928), pois tal personagem possui características que o tornavam um anti-herói: maldoso, mentiroso e possuidor de nenhuma confiança (BORGES; CUNHA, 2011).

Exus são considerados entidades que compõem uma linha de força, trabalhando junto às energias mais pesadas do mundo espiritual, bebem alcoólicos destilados e fumam charutos, sendo assim entidades estigmatizadas na sociedade contemporânea brasileira por estarem associados ao demônio católico. Porém, outro lado dessa entidade deve ser evidenciado: para os entrevistados, tais entidades são guias responsáveis pela defesa e segurança do terreiro e de seus frequentadores, auxiliando no encaminhamento espiritual dos iniciados, atuando como suporte espiritual em busca da verdade e da realização pessoal e profissional.

[...] Exu é transportado ao âmbito dos comportamentos e nesta dimensão é individualizado adquirindo mais liberdade, quebrando a tradição, colocando regras em dúvida e rompendo normas. Além de ser uma força contra a ordem social dominante que expropria o negro, Exu é recurso e esperança diante das insatisfações, infelicidades, perseguições e demandas pessoais. Seu caráter duvidoso leva esperança àqueles que presos pelos grilhões das convenções desejam romper com a tradição seja ela social, política ou moral (BORGES, 2009, p.9).

Revista Semina V. 17, N.º 2, 2018 – ISSN 1677-1001
Artigo Recebido em 31/10/2018- Aprovado em 26/02/2019

Na religiosidade afro brasileira, os exus se aproximam dos homens e estabelecem relações de companheirismo quando tratados pelos seus médiuns de acordo com o que gostam, e são uma das entidades mais procuradas no terreiros de Umbanda e Quimbanda, pois muitas vezes rompem com as regras estabelecidas na sociedade.

É perceptível a partir das observações dos rituais e das entrevistas realizadas, a não existência de estigmas entre os adeptos da religiosidade umbandista em relação aos exus e pombagiras, mesmo com ambos inseridos no contexto marginal da religião, no entanto, tal concepção foi observada como existente (entrevistas informais) em sujeitos que não conhecem e não frequentam essa religião, por esses guias terem lados ambivalentes na constituição do bem e do mal.

Os organogramas abaixo sintetizam as conclusões aspiradas no início da pesquisa, sobre as representações das pombagiras e exus no contexto religioso umbandista e na vivência diária dos entrevistados. As características de cada quadro especificamente estão intimamente interligadas. A Figura 01 contém as devidas elucidações encontradas nas entidades pombagiras e a Figura 02 nos guias exus.

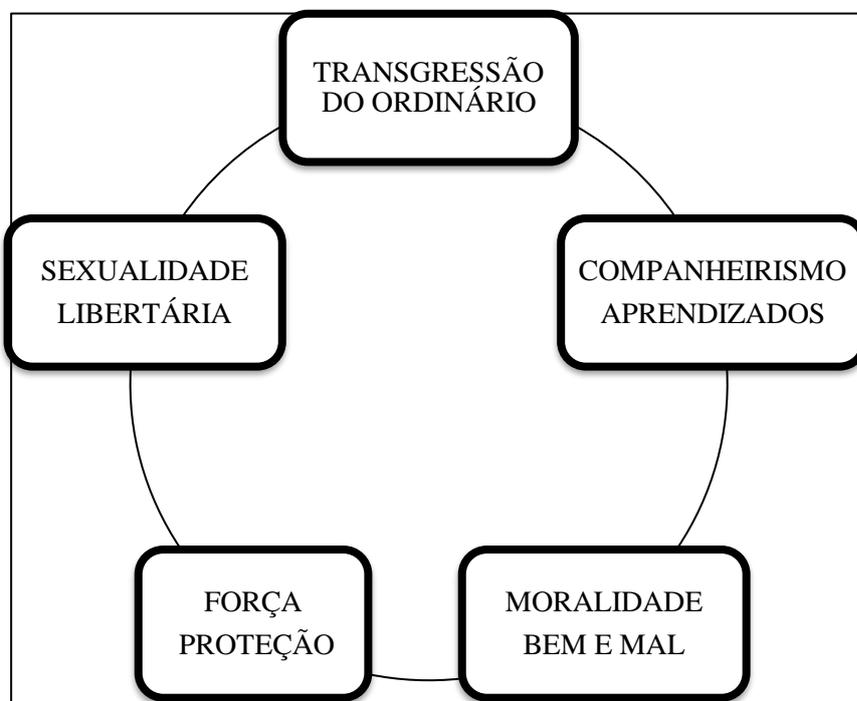


Figura 01: Representação das características encontradas das entidades pombagiras, nos terreiros de Umbanda investigados no presente trabalho na cidade de Pato Branco e Francisco Beltrão (PR).

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

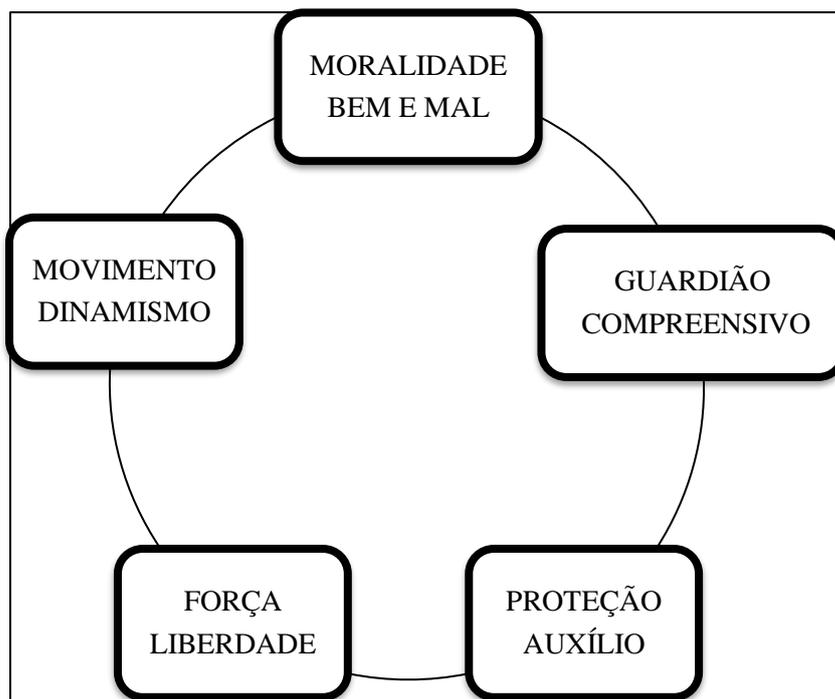


Figura 02: Representação das características encontradas nos Exus, nos terreiros de Umbanda investigados no presente trabalho na cidade de Pato Branco e Francisco Beltrão (PR).

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Considerações finais

Observar e ouvir médiuns e consulentes, exus e pombagiras concomitantemente, permitiu sondar com profunda significância a religiosidade umbandista, a cultura e o popular pertinentes a tal prática. Informações contidas neste trabalho corroboram com a ideia de Verger (1991), quando alega que essas entidades são interlocutoras que expressam elaborações coletivas e cognitivas, capazes de revelar orientações para a decifração de processos que presidem as ordens simbólicas e religiosas, também as práticas de auxílio às pessoas que as procuram para a resolução de aflições cotidianas.

Nas representações de gênero, evidenciamos a sexualidade liberta de juízo de valor, em especial das pombagiras, assim como a transversalidade, pois são dicotômicos, ora marcando a superioridade masculina, já em outros momentos esse papel se inverte,

evidenciando a superioridade feminina, e por vezes permanecendo uma relação equânime, provando-nos assim, o quanto as relações de gênero podem ser mutáveis e interligadas na religiosidade umbandista, resultados estes influenciados por um abrangente arcabouço de situações e crenças complexas.

Pombagiras e exus são personagens do panteão umbandista que marcam marginalidade e transgressão, por possuírem personalidades distintas das demais, apresentado características não esperadas ou desejadas na sociedade contemporânea brasileira, a exemplo da falta de moralidade cristã. Evidenciamos também certo estigma inserido em alguns sujeitos entrevistados que não conhecem a religiosidade umbandista, no entanto, os adeptos e simpatizantes observam com naturalidade tais aspectos, sem receios ou preconceitos aos atributos desses guias. Para os entrevistados, a representatividade de ambos é fortemente destacada por qualidades que divergem da marginalidade, estando associados aos sinônimos de força, proteção, espiritualidade, companheirismo, compreensão e auxílio, espíritos que apontam para o melhor caminho e ajudam na resolução de aflições diárias, não negando ajuda a quem quer que os procurem.

Referências

AMOROZO, Maria Christina de Mello; VIERTLER, Renate Brigitte. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados etnobotânicos. IN: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulinho de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Fernandes Cruz da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2.ed, Recife: Comunigraf, 2008.

BAIRRÃO, H, M. Francisco. **Sublimidade do Mal e Sublimação da Crueldade: Criança, Sagrado e Rua**. USP: In Psicologia: reflexão e Crítica, 2004.

BARROS, Mariana Leal de; BAIARRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de “mulher”?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 126–145, dez. 2015.

BARROS, Mariana. Leal de. **“Labareda, teu nome é mulher”:** análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras. Ribeirão Preto: Revista USP, 2010.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**. São Paulo: Pioneira, 1989.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. A experiência vivida**. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BERNARD, H. Russel. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach**. 4 ed. Oxford: Altamira Press, 2006.

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **A dominação Masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BORGES, P, Gecilmar; CUNHA, R,R, Betina, da. **Macunaíma e o mito de Exu**. Araxá: Evidência, 2011.
- BORGES, Cristina, Ângela. **Umbanda, Quimbanda e Candomblé: Tensão moral produtora do novo religioso**. Goiânia: UFGSimpósio Nacional da Associação brasileira de História das Religiões, 2009.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados: Paris, 1991.
- CONCONE, Maria Vilas Boas. Uma religião brasileira: **Umbanda. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1972. 113 f.
- CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: Uma religião brasileira**, 2ed. São Paulo: Madras, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. **Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2015.
- ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano – a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERAUDY, Roger. **Umbanda, essa desconhecida**. 4º ed. SP: Conhecimento, 2004.
- FERRETTI, Sérgio. **Sincretismo Afro-brasileiro e resistência cultural**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- LE MOS, Carolina Teles. **Religião gênero e sexualidade**. Rio de Janeiro: Descubra, 2007.
- LOURO, G, Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MOTTA, S, Luiane. **História, Mulheres e Gênero: discussões acerca de um “fazer” Histórico**. Rio Grande do Sul: ANPUH, 2012.

MURARO, R, Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: Corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

NEGRÃO, N, Lísias. **Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: USP in Revista Social, 1993.

_____. **Psicanálise e Umbanda: A demonização do Exu como interdição simbólica e intolerância religiosa**. São Paulo: USP in Revista Social, 2001.

OKIN, Moller, Susan. **Gênero, o publico e o privado**. Santa Catarina: Stanford University, 2008.

OLIVEIRA, Sidney. **Psicanálise e intolerância religiosa: a interdição do simbólico e o recalque do sagrado da umbanda**. Paraná: Revista Brasileira da História das religiões, 2011.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Hucitec, 1996.

REIS, J. J. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. São Paulo: Revista USP, n. 28, 1996.

SARANCENI, Rubens. **O código da Umbanda**. 3ed. São Paulo: Madras, 2008.

_____. **Orixá pombagira**. São Paulo: Madras, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. New Yor:Columbia University Press,1989.

SOUZA, S, Duarte de. **Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2007.

VALLADO, Arnaldo. **A grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Bahia: Corrupio, 1981.

VICTORIANO, D, A, Benedcito. **O prestígio religioso na Umbanda: dramatização e poder**. São Paulo: Annablume, 2005.

ⁱGira é o agrupamento de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam através da incorporação nos médiuns dentro de um terreiro ou local sagrado dos cultos afros brasileiros. A gira pode ser festiva, de trabalho ou de treinamento. (Fonte: Dados das entrevistas da pesquisa, 2016).

ⁱⁱ Pessoa que faz consulta com os guias espirituais na Umbanda, não participante ativo de um terreiro. (Fonte: Dados das entrevistas da pesquisa, 2016).

ⁱⁱⁱA Glândula Pineal, também conhecida como epífise neural, é uma glândula endócrina localizada na parte superior do terceiro ventrículo do encéfalo, ou seja, na parte central do cérebro humano, função é secretar a melatonina, hormônio responsável pela regulação dos ritmos do corpo, relógio biológico e o sono.